A BUSCA POR MOBILIDADE DE ELEVADA EFICIÊNCIA ENERGÉTICO-AMBIENTAL

PLINIO M. NASTARI*

Um estudo da Universidade de Harvard, nos EUA, conclui que pessoas que vivem em regiões com altos níveis de poluição do ar têm mais chance de morrer em decorrência da COVID-19. O estudo analisou a ligação entre a exposição de longo prazo e a poluição do ar por partículas finas. No Brasil, o uso de biocombustíveis ajuda na redução da poluição gerada por material particulado e outros poluentes.

POLÍTICAS PÚBLICAS nas áreas de energia e meio ambiente têm buscado instrumentos que fomentem o aumento da eficiência energética e o controle da emissão de poluentes de impactos local e global. Embora não exista um consenso sobre a forma de medir todas as variáveis envolvidas – o que se explica mais por interesses comerciais do que desafios científicos –, há um crescente reconhecimento de que se deve medir esses efeitos de forma completa, e não parcial. Quase toda semana, surge uma nova notícia sobre avanços tecnológicos relacionados à produção e à durabilidade de baterias. Esses desenvolvimentos são necessários, mas não devem ofuscar o fato de que as baterias são armazenadoras de energia e equivalem ao tanque de combustível dos atuais veículos. Baterias não podem ser confundidas com a energia que armazenam, para a qual a maneira de produzir, armazenar e distribuir é o que conta.

Em tempos de pandemia, cresce a compreensão sobre o valor da qualidade dos produtos consumidos. Em energia para transporte, cresce a percepção quanto à importância do seu impacto sobre a qualidade do ar, afinal a pandemia atual, assim como a gripe espanhola do século passado, relaciona-se com uma deficiência pulmonar que é impulsionada pela poluição atmosférica. Um estudo recente conduzido pela Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard concluiu que pessoas com COVID-19 que vivem em regiões dos EUA com altos níveis de poluição do ar têm mais chance de morrer da doença do que pessoas que vivem em áreas menos poluídas.

Esse é o primeiro estudo analisando a ligação entre a exposição de longo prazo à poluição do ar por material particulado fino (MP2,5) e o risco de morte por COVID-19 nos Estados Unidos. O



SHUTTERSTOCK

material particulado fino é gerado, em grande parte, pela combustão de combustíveis fósseis em veículos, refinarias e usinas geradoras de energia à base de carvão e outras energias fósseis.

O estudo analisou mais de 3.000 municípios em todo o país, comparando os níveis de poluição atmosférica particulada fina à contagem de mortes pelo novo coronavírus em cada área. Ajustando para o tamanho da população, o número de leitos hospitalares disponíveis, o número de pessoas testadas para COVID-19, clima e variáveis socioeconômicas e comportamentais, como obesidade e tabagismo, os pesquisadores descobriram que um pequeno aumento na exposição a longo prazo ao MP2,5 leva a um grande aumento da taxa de mortalidade por COVID-19.

O estudo descobriu, por exemplo, que alguém que vive há décadas em um município com altos níveis de poluição por MP2,5 tem 8% mais probabilidade de morrer de COVID-19 do que alguém que vive em uma região que possui apenas 1 micrograma por metro cúbico a menos desse poluente.

Francesca Dominici, autora principal desse estudo, publicado em um artigo no New York Times em 7 de abril, sugere que os municípios com níveis mais altos de poluição "são os que enfrentarão maior número de hospitalizações, maior número de mortes e onde muitos dos recursos devem ser concentrados". Essas descobertas indicam a importância de se continuar a impor os regulamentos de poluição do ar existentes para proteger a saúde humana durante e após a crise da COVID-19, mas o fazendo de forma completa, e não parcial. Não adianta pretender controlar a níveis inatingíveis a emissão dos canos de escape e deixar sem controle a emissão relacionada à geração, ao armazenamento e à distribuição de energia, que precisa ser considerada de forma conjunta. O desenvolvimento e a aplicação de tecnologias utilizando sistemas de elevada eficiência energética e baixo impacto ambiental devem ser estimulados e fomentados, usando a forma de medir correta.

No Brasil, o uso em mobilidade de biocombustíveis em conjunto com combustíveis tradicionais tem sido um fator relevante de redução da poluição gerada por MP2,5 e outros poluentes. A Engenharia nacional desenvolveu tecnologias para utilizá-los de forma eficiente – com grandes valores estratégico, econômico e ambiental – e que precisam ser reconhecidas e intensificadas. ■

*Presidente da DATAGRO e representante da sociedade civil no Conselho Nacional de Política Energética (CNPE)

